

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO NEOLIBERALISMO RETOMANDO OS ENSINAMENTOS DE SOCRATES PARA PENSAR SOBRE ARTE-EDUCAÇÃO

Anna Guimarães

RESUMO: O presente trabalho propõe uma reflexão a respeito dos desafios da educação na época neoliberal. Para isso, se seguirá dois caminhos distintos. Por um lado, se contextualizará a educação no âmbito social e econômico contemporâneo. Por outra parte, se recorrerá a Antiguidade através do estudo de um texto de Platão no qual o filósofo elabora reflexões relativas ao processo educativo no que tange a educação dos sujeitos. Respeitando as distancias históricas não se tomará os enunciados de maneira literal, mas, se pretende destacar os ensinamentos que o texto formula e que ainda seguem vigentes. Uma vez seguidas estas duas direções se apresentará uma proposta de arte-educação tomando como exemplo o estudo de caso de uma instituição do nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Laques, Arte-educação, Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

O presente escrito tem como finalidade gerar uma indagação sobre os fundamentos da educação contemporânea. Para isso o artigo se dividirá em duas partes: a primeira apresenta o panorama social e econômico atual, evitando desconectar a educação do sistema político em que se insere. A segunda, analisa o texto *Laques*, escrito por Platão, vinculando-o aos problemas da educação. Neste sentido, se realizará ainda um estudo de caso de uma instituição cultural do Nordeste do Brasil, o Centro de Arte e Cultura Portal da Serra - CEARC-, que reuniu alguns elementos da filosofia socrática mediante o desenvolvimento de políticas sociais de arte-educação.

O *Laques* é um diálogo intrinsecamente influenciado pelo pensamento de Sócrates. O tema que se discute neste diálogo é a educação de jovens e, independente da antiguidade do texto, algumas das discussões elaboradas merecem ser retomadas e atualizadas para estudar a educação na época contemporânea. O diálogo tem origem por uma preocupação de Lisímaco e Melesias. Embora ambos pertençam a famílias de prestígio de Grécia, não receberam uma boa educação na juventude e, adultos, lamentam o passado: “Disso nos sentimos envergonhados, e culpamos nossos pais de nos haver deixado à vontade quando éramos jovens, enquanto eles se ocupavam dos assuntos dos demais” (Ibid.: 179 c-d).

Isso se deve a que seus pais, que eram homens que cumpriam funções importantes na cidade. Por dedicar tantas horas a estes assuntos, não estiveram junto a seus filhos para ensinar-lhes o que sabiam. Assim se explica que tanto Lisímaco como Melesias não sejam grandes homens. É por isso que, ao pensar na educação de seus próprios filhos, não querem repetir os erros cometidos por seus pais e, portanto, o tema de sua educação é de especial interesse para eles. No entanto, por sua própria mediocridade, nem Lisímaco nem Melesias podem encarregar-se de maneira direta deste assunto.

Esta situação é a que dispara todo o desenvolvimento do diálogo, porém é importante deter-se e aprofundar para refletir sobre a atualidade deste tema. Com esta questão se problematiza a seguinte contradição: para dar uma boa educação é importante ocupar-se dos filhos e ao mesmo tempo ser um bom exemplo. Estes dois

elementos têm que estar presentes ao mesmo tempo, devido a que, se falta um deles, não se poderá dar uma boa educação.

Dado que Lisímaco e Melesias se sentem incapacitados para brindar a seus filhos uma boa educação convocam a Laques e Nicias para pedir-lhes conselhos, porque eles são dois homens públicos virtuosos e que ainda assim se ocupam de seus filhos. Como outras pessoas lhes haviam sugerido o treino no uso das armas para a educação de seus filhos, convidaram a Laques e Nicias para que apreciem o espetáculo que brinda o mestre e, assim, possam dar sua opinião. Problematiza-se, então, a seguinte questão: aprender a utilizar as armas é bom para a educação dos jovens?

Segundo Nicias, o aprendizado do uso das armas é benéfico, dado que o exercício físico pode contribuir a desenvolver as qualidades necessárias para um bom guerreiro, além de preparar para a competição e, inclusive, ser útil para a própria guerra, porque se começam a manejar armas e com isso surgem ganas de estudos mais complexos, poderão chegar a ser generais. Porém sobre tudo, esta aprendizagem é importante porque contribui a gerar certas qualidades na própria personalidade dos jovens:

“A isso somaremos uma vantagem não pequena: que este saber pode fazer a qualquer homem muito mais confiante e valente, superando-se a si mesmo. Não desdenhemos, embora possa parecer-lhes a algum de menor importância, que também da uma figura mais arrogante nas ocasiões em que o homem deve apresenta-la, com o que, graças a essa aposta atitude, parecerá mais temível a seus inimigos” (Ibid.: 182 c-d).

No entanto, quando a palavra toca a Laques, sua opinião é contrária. Para ele os verdadeiros mestres da guerra não estão dedicando-se aos espetáculos, mas que estão atuando na guerra; e lhe parece estranho que, se verdadeiramente são bons, não estejam em Lacedemônia, onde estão os melhores lutadores. Além disso, segundo ele, nenhum dos que se dedicam a ensinar nesse tipo de espetáculos demonstrou ser bom lutador quando estiveram na guerra. Ser valente, segundo Laques não se aprende com as armas. E quando um é covarde embora aprenda essa aparente técnica, o que vai conseguir é manifestar sua covardia.

Ante este dilema Sócrates é convocado para expressar sua opinião. Como afirma Foucault, “a intervenção de Sócrates vai marcar não só a renovação do tema baixo outra forma, mas, de fato, um procedimento distinto na discussão” (FOUCAULT, 2010, p. 148). O primeiro que Sócrates põe de manifesto é que não sempre a maioria tem a razão, dado que a verdade está no que opina com mais fundamento. Por isso, “se deve jogar segundo a ciência, e não segundo a maioria” (PLATÃO, 2003, p. 184 e).

Assim a intervenção de Sócrates provoca uma mudança na linearidade do texto, ao produzir uma transformação nos termos da discussão. Dessa maneira, assegura que de nada serve debater sobre um determinado tema se não se tem em conta qual é seu fundamento. Isto é, se o debate gira em torno, por exemplo, da conveniência da aprendizagem do uso de armas, a pergunta que deve ser feita deve ser: Conveniência para que? “Qual das partes da virtude vamos escolher? [...] Sem dúvida que a maioria lhes parecerá que a coragem” (Íbid.:190 d).

Por outra parte, além de exigir uma reflexão sobre os fundamentos do objeto, Sócrates destaca a necessidade de discutir sobre os fundamentos que possui o próprio sujeito que enuncia o discurso. Ao transformar o debate sobre o uso das armas em uma pergunta sobre a autoridade que tem a pessoa que opina, em lugar de seguir um caminho lineal, supõe um caminho inverso em direção aos princípios; transforma um tema externo em um tema interno.

Assim a discussão toma outro rumo. Nicias e Laques começam a responder as perguntas de Sócrates sobre a firmeza de espírito e a coragem. Estes dois personagens são homens virtuosos: o primeiro é um general de guerra e o segundo um homem público. No entanto, embora tenham valor, não conseguem definir em palavras o que seria esta virtude:

“Já não consideras tu grande coisa haver evidenciado faz pouco que nada sabes sobre o valor; mas que, embora eu também fico em tal situação, atendes só a isso e nada te vai a importar, segundo parece, que tu, junto comigo, nada saibamos daquilo cuja ciência deve possuir um homem que se acredite de algum mérito” (Íbid.: 200 a-b).

Desta forma, o texto põe de manifesto dois tipos de ignorância: a) a de Lisímaco e Melesias que são medíocres e se jugam incapazes de aprender, e a de Nicias e Laques,

no sentido de que, embora sejam virtuosos, não possam explicar com sua linguagem o que isso significa.

O texto termina com a decisão dos quatro personagens de seguir estudando, aprofundando seus conhecimentos. Assim, o diálogo demonstra que a educação implica fazer o que Sócrates fez com Nicias e Laques: mudar a direção do discurso gerando uma profundidade. Um bom mestre é, então, aquele que, como Sócrates, gera no sujeito uma inquietude de si, de maneira tal que os alunos estejam “dispostos a envelhecer aprendendo coisas” (Ibid.: 189 a).

Por mais que este texto haja sido escrito há muitos séculos, considera-se que resulta importante retomar seus ensinamentos para refletir sobre os temas da educação na atualidade. Porém, para isso, resulta necessário, em primeiro lugar, dar conta de educação no contexto histórico político específico em que se situam os problemas a indagar.

METODOLOGIA

Para o bom desenvolvimento deste escrito foi realizado um trabalho minucioso que envolveu procedimentos bibliográficos e estudo de caso. No que se relaciona a pesquisa bibliográfica foi utilizado, como sugere Gil (2007) livros e artigos científicos. Neste sentido, o marco teórico se divide em dois: em primeiro lugar se recuperou um texto de Platão escrito no século IV a. C. O referido texto se caracteriza, como o resto dos escritos platônicos deste período por “extensão breve, estrutura dramática simples, final aporético e discussão sobre um tema de ordem ético” (Platão, 2003, p. 1). O tema discutido neste diálogo é justamente a educação de jovens e, independente da antiguidade do escrito, algumas das discussões elaboradas foram retomadas, entrando em diálogo com as problemáticas da sociedade contemporânea. Para isso, se tomou outra direção e realizou-se um levantamento bibliográfico que localizou a sociedade no marco do neoliberalismo contemporâneo, evitando assim analisar a educação separada do panorama político que a sustenta.

Além disso, para estar em plena sintonia com o marco teórico se buscou contrastar os elementos teóricos com empíricos, indagando nos fundamentos, tal e como

sugere Sócrates. Para isto se realizou estudo de caso (EC), dado que, como explica Yin (2005) consiste em procedimento mais indicado quando “se colocam questões do tipo como e por que” (YIN, 2005, p. 19).

O Estudo de Caso (EC) sobre a experiência CEARC revela que a instituição mantenedora reavaliou o objeto, adaptando o projeto as novas problemáticas sociais, mediante indagação. Estas estratégias e métodos de trabalho utilizados seguiram uma fundamentação socrática, partindo das problemáticas e indagando no “para que”. Neste sentido, o EC não pretende consistir em uma receita, mas, um exemplo que pode servir de guia para o desenvolvimento de outras ações educativas e culturais.

RESULTADOS

Para compreender os desafios que atravessa hoje em dia a educação latino-americana é necessário, como sugere Guimarães (2012), no artigo *¿Cómo evitar que Machuca se convierta en Polaquito? Los desafíos de la educación ante la caída del modelo industrial y la necesidad de superación del modelo neoliberal en América Latina.*, ter em consideração as consequências da transformação do modelo de acumulação capitalista. Segundo a comentarista este processo que começou com a crise da década de ‘70, fortemente influenciado pelos Estados Unidos definiu as medidas econômicas implantadas nos países latino-americanos.

As medidas econômicas implantadas desde então, nos países latino-americanos, -baixo a força de regimes militares-, tais como a abertura da economia, a subida da taxa de interesse e o incremento do tipo de cambio, significaram o final do denominado modelo ISI (Industrialização por Substituição de Importações) (GUIMARÃES, p. 50, 2012).

A crise do referido modelo abriu espaço para o desenvolvimento do neoliberalismo. Deste modo, o novo modelo se caracteriza pelo enfraquecimento das instituições públicas e a privatização dos serviços. Neste sentido, Castel (2006) explica que as transformações pelo fim do Estado do bem-estar se deram porque estes tipos de estado implicam uma supervalorização do indivíduo dotando-o de direitos e o

considerando objeto de proteção. “Salário mínimo, proteções do direito laboral, cobertura por acidentes, por enfermidade, direito a aposentadoria, retiro, etc.” (CASTEL, 2006, p. 42). Com a crise deste sistema as condições de vida dos trabalhadores passaram a ser parte integrante de um cenário de incerteza, que por conta do desemprego, estimulam a competição entre os trabalhadores mediante um processo de individualização, gerando assim uma forte sensação de insegurança.

O desemprego massivo e a precarização das relações laborais não afetam só as diversas categorias de trabalhadores e golpeiam mais duro a base da hierarquia salarial. Levam também inúmeras disparidades, por exemplo, entre os obreiros, porém também entre executivos do mesmo nível de qualificação, um dos quais conservará o posto enquanto que o outro será afetado pelo desemprego (CASTEL, 2006, p. 57).

Este momento da crise do Estado de bem-estar que fala Castel (2006), é retratado por Bauman (2000) como a passagem da *ética do trabalho* a *estética do consumo*. Apesar das diferenças para os dois autores, o novo sistema é uma nova estratégia para a aplicação de um mecanismo de dominação que visa produção, neste caso mediante a insegurança. Assim nos anos 90, como explica Guimarães (2012) “o modelo industrial entrou em crise e os principais prejudicados com essa crise foram os trabalhadores, dado que o novo modelo já não precisa de tantos”. Tratava-se do neoliberalismo que se instalava com vigor. Bauman (2000) destaca as transformações contextualizadas no marco de dois momentos históricos: *ética do trabalho* e *ética do consumo*. A primeira, muito utilizada pelos fundamentos fordistas, se caracterizou, entre outras questões, pela intensão de difundir uma ética do trabalho, que se justificava pela necessidade de produzir corpos dóceis, indivíduos conscientes de suas funções, trabalhadores de baixo custo. Tratava-se de introduzir uma moral que estava associada a dedicação ao trabalho e a um momento histórico definido por Bauman de *Ética do trabalho*. Isto é, dado que a lógica da fábrica tem seus ritmos, suas condições e os indivíduos tendem a resistir a esta lógica, se buscou instalar uma mentalidade, uma espécie de ética do trabalho. “Essa resistência devia ser vencida com pouco remordimento como outras” (BAUMAN, 2000, p. 23).

O segundo momento que Bauman destaca está caracterizado pelo que define como *Ética do Consumo*. Este momento é significativo, embora não signifique que se tenha abandonado a velha ética ou que se tenha desconsiderado as teorias fordistas, mas, que sucedeu uma mudança que teve seu máximo desenvolvimento com o neoliberalismo, quando inclusive o conhecimento passou a ser considerado objeto de consumo, expressando-se assim na cultura do capital humano nas empresas contemporâneas.

Para Bauman, trata-se de uma nova estratégia que persegue aquele mesmo objetivo. Ou seja, segundo o autor, “o que antes se havia conseguido com sermões [...] se buscou cada vez mais com os sedutores poderes de uma cenoura” (BAUMAN, 2000, p. 40). Segundo este autor o abandono da ética do trabalho, mediante a centralidade do consumo, esteve associado as mudanças nas formas de trabalho. Para Bauman o que caracteriza os empregos na atualidade é a flexibilidade: “os empregos permanentes, seguros e garantidos são a exceção (Idem., p. 49). Porém, também se expressam mudanças em relação a concepção dos recursos humanos. Isto é, se sob a *ética do trabalho* as diferenças se marcavam pelas distintas posições hierárquicas, sob a *ética do consumo* os critérios de valorização do trabalho mudam e perdem valor. “O trabalho que não tem essa capacidade –que não oferece <satisfações intrínsecas>– carece de valor” (Idem., p. 57).

Neste novo contexto se inclui ainda uma extensão das relações globais, que implica uma transformação nos termos das relações sociais e seu conjunto. Como explica Giddens (1993) com a globalização se cria uma rede social que abarca todo o globo. Então, segundo o autor o resultado dessa ampla rede intensifica as relações sociais mediante o estabelecimento de laços que unem de maneira cada vez mais veloz lugares distantes. “Pode definir-se como a intensificação das relações sociais em todo o mundo [...] de maneira que os acontecimentos locais estão configurados por acontecimentos que ocorrem a muitos quilômetros de distancia ou vice-versa.” (GIDDENS, 1993, p. 68).

Essa nova dimensão surge como consequência do enfraquecimento do Estado Nacional, antes mencionado. Então, ao estabelecer-se novas relações entre o indivíduo e o globo, também surgem novos conflitos pela distribuição das riquezas em termos transnacionais o que exige repensar a forma em que se estuda a própria sociedade. De

maneira que, como afirma Ianni (1996), deve pensar-se nos termos de uma sociedade global, também, na forma em que se desenvolve os mecanismos de “dominação e apropriação, antagonismo e integração que anteriormente se situavam no núcleo da sociedade nacional” (IANNI, 1996, p. 116). Por isso “o conhecimento acumulado sobre a sociedade nacional não é suficiente para esclarecer as configurações e os movimentos de uma realidade que já será sempre internacional, multinacional, transnacional, mundial ou propriamente global” (IANNI, 1996, p. 159).

Como consequência da globalização dos conflitos sociais, respaldados pelos agentes econômicos, Santos (2003) denuncia que a distribuição da riqueza é cada vez mais desigual, afirmando que uma imensa quantidade de indivíduos vive na pobreza absoluta, enquanto que um pequeno grupo se faz cada vez mais rico. “O aumento das desigualdades se deu de forma tão acelerada e tão grande que resulta possível ver as últimas décadas como uma revolta das elites” (SANTOS, 2003, p. 175).

Deste modo, Ianni (1996) afirma que as novas condições que gera o desenvolvimento da globalização, exige, por parte dos que se dedicam a explicar os fenômenos humanos, desenvolver novos conhecimentos. Ou seja, se a realidade é global não se pode seguir gerando conhecimentos que tenham como limite o Estado Nação. A contingência própria desta época desdobra nos indivíduos a competição e o individualismo, diluindo os vínculos e as redes humanas, tal como o descreve Bauman (2003). Neste contexto, a crise da educação é funcional para essa lógica de mercado, dado que a forma na qual funciona as instituições educativas contribui a gerar indivíduos acordes a este sistema de poder.

Para referir-se à globalização, Santos (2003) apresenta de forma objetiva as características que este processo coloca em evidência. Assim explica que a intensificação das “interações transnacionais” está marcada pelo aumento das “transferências financeiras”, da “informação e imagens dos meios de comunicação social” e dos “deslocamentos massivos de pessoas, sejam turistas, trabalhadores migrantes ou refugiados” (SANTOS, 2003, p. 167).

As propostas pedagógicas que tentaram resolver os problemas educativos não consideraram a dimensão social contemporânea. Neste mesmo sentido não tiveram em conta que esses mesmos efeitos que deviam ser combatidos, ao mesmo tempo, exigiam

que as estratégias para fazer frente deviam ser atualizadas e adaptadas ao novo cenário. Isto é, não perceberam que ao tentar aplicar os velhos mecanismos no novo contexto, se comete o erro que Sócrates, tantos séculos atrás, advertiu: se debate sobre o objeto sem pensar no seu fundamento, nem nos seus sujeitos.

Retomando os ensinamentos de Sócrates

Em primeiro lugar, o *Laques* colocava de manifesto a importância da participação dos pais na educação de seus filhos. Porém ao mesmo tempo, não uma participação qualquer; se trata de uma que estimule a busca pelo saber. Do mesmo modo, a medida em que o Estado assumiu a tarefa da educação, parecia que se convertia exclusivamente em uma responsabilidade pública, deixando de ser privada. Sem embargo, cada vez é mais necessário recordar aquele ensinamento do texto de *Laques*. Não se pode pôr na escola toda a responsabilidade, relativas ao que uma política educacional ampla deve ter em conta.

Em segundo lugar, Sócrates destaca a importância do mestre no processo de ensino, enfatizando não tanto os títulos, mas o exemplo e a capacidade de desenvolver virtudes nos jovens. Este tema é muito comum nas políticas públicas, dado que, por exemplo, em muitos casos se insiste no desenvolvimento de projetos de leitura; porém, não é raro que muitos professores não tenham esse hábito. Por isso resulta tão importante hoje em dia, além de estimular a que os jovens frequentem a escola, impulsar os debates sobre a importância de uma boa capacitação docente. Assim, o entende Tedesco, quando afirma que a variável chave na aprendizagem é o corpo docente, ao que se deve considerar de maneira heterogênea, devido a que os distintos casos requerem distintas estratégias. Em alguns haverá que melhorar as metodologias, em outros os conteúdos e em outros, as ferramentas técnicas; o importante é enfocar-se nos distintos casos específicos. “Em termos de políticas educativas, provavelmente o mais difícil é a questão docente. Para que todas as transformações nestes fatores impactem no processo de ensino e aprendizagem, é necessário considerar ao docente ou a equipe docente” (TEDESCO, 2008, p. 28).

Em terceiro lugar, o caráter do ensino de Sócrates se relaciona com o fundamento. Isto é, transforma a pergunta pelo objeto em uma sobre o sujeito. Antes de indagar sobre o que se deve ensinar, se deve saber o para que. Este tema destacado por Sócrates resulta ser muito atual em relação ao uso das novas tecnologias. Como o revela uma pesquisa realizada pelo IPE, o 25% dos docentes argentinos consideram que as novas tecnologias são um inimigo. Esta postura implica que a rejeição é acrítica. Em nenhum momento se perguntam o por que de se rejeitar e por outro lado, sobre a possibilidade de fazer um uso que não seja prejudicial para o desenvolvimento educativo. Outro 25% dos docentes argentinos estão absolutamente de acordo com a incorporação das novas tecnologias. Porém, esta aceitação também é acrítica porque não lhes preocupa a possibilidade de que um mal uso dessas tecnologias prejudique o processo de ensino. Ignoram que, embora as tecnologias por um lado contribuem a conectividade, também podem causar exclusão y fragmentação (TEDESCO, 2008, p. 29). O resto dos docentes, segundo revelou essa pesquisa, eram indiferentes em relação ao assunto. Em nenhum dos três casos se reflexiona seriamente sobre os fundamentos desse ensino. E isso é o que, de maneira socrática, exige Tedesco: "A possibilidade de garantir o êxito depende de ir construindo socialmente uma cultura de debate público sobre estes temas, que estas questões sejam transparentes e debatidas publicamente com o máximo de informação e de rigor" (Ibid.: 30).

Na época de Sócrates, os indivíduos deviam defender-se por si mesmos em muitos casos e, além disso, eram recrutados continuamente para as guerras, logo, a coragem era uma virtude fundamental para o desenvolvimento dos homens. Por isso que a maior parte deste texto desenvolve um debate sobre valor e coragem. Atualizar o pensamento de Sócrates significa pensar quais são as virtudes que hoje em dia devem desenvolver os jovens nas condições atuais. Algumas delas poderiam ser as seguintes:

♣ A concentração: esta virtude é muito importante em una época em que existe muita informação, propagandas e o jovem necessita abstrair-se desse frenesi.

♣ A atitude crítica: esta virtude é fundamental em um contexto em que existem manipulações da opinião, por isso que resulta importante poder indagar nos discursos dos outros e deles mesmos.

♣ A expressão e exposição: cada vez os jovens são menos capazes de expressar seus próprios pensamentos, o que a larga termina gerando um desconhecimento de si mesmo, insegurança e, portanto, submissão.

♣ A criatividade: em este caso não se trata de uma criatividade superficial que possa ser somente útil ao mercado de trabalho, mas uma capacidade criativa que lhes permita mudar as situações, sobre todo as que possam oprimi-los.

♣ A auto estima: um ser humano consciente de seus valores é mais difícil de ser explorado.

♣ A solidariedade: não uma solidariedade submissa que prejudique a um em benefício do outro, mas uma forma de atuar em benefício de si e também dos outros.

♣ A capacidade de relacionar-se com o outro: no mundo atual, com a intensificação das migrações, cada vez é mais necessária a capacidade de conviver com os outros e de relacionar-se em meio das diferenças.

♣ A inquietude de si: a capacidade de auto avaliar-se e direcionar-se na vida.

De que maneira se pode desenvolver estas virtudes nos jovens? O ensino da arte pode consistir em uma boa estratégia? Para responder esta pergunta resulta de fundamental importância observar o caso CEARC.

CONCLUSÃO

A arte e a educação: o caso do CEARC

Considera-se a arte um elemento fundamental que deve ser considerado na educação dos jovens, em vistas a que adquiram virtudes fundamentais para enfrentar-se as dificuldades dos tempos que correm. No entanto, e tendo em conta os ensinamentos de Sócrates, isso não significa que qualquer forma de ensino artístico cumpra com esta tarefa. Nos últimos anos, as políticas de educação brasileiras defenderam por outorgar uma maior importância a arte. Porém, sua função não deixou de ser confusa e a nível das práticas foi muito pouco o que se avançou. Isto é, nem sequer conseguiu-se gerar um vínculo forte entre arte e demais disciplinas. Na maioria dos casos, a função não foi

além de uma atividade prazerosa no meio das obrigações do universo escolar. Isso sucede porque não se encarou essa problemática partindo da pergunta socrática: para quê?

A arte que aqui se propõe é mais que uma atividade prazerosa ou mesmo uma disciplina. É um eixo fundamental que, além de diversificar o ambiente, possa desenvolver a reflexão, a concentração, o pensamento crítico. Trata-se de uma forma de olhar o mundo para atuar nele. Esta concepção de arte implica uma mudança no próprio sujeito e não a produção de objetos. Isso é assim porque a arte no sentido amplo, como explica Nietzsche, não tem por objetivo a produção da obra de arte, mas a do artista (ESCOUBAS, 2004).

Dessa maneira, é importante o desenvolvimento de estratégias políticas e culturais que envolvam a arte como um tema central, não só a nível das disciplinas, mas a nível das práticas educativas e culturais. A proposta aqui vai além das relações de interdisciplinaridade. Em todo caso, apresenta a arte estabelecendo vínculos interinstitucionais. Um bom exemplo disso é o CEARC, que se encontra em Guaiuba, município de 23.000 habitantes, localizado no Ceará; a quarenta quilômetros da capital do estado. A instituição reúne as Secretarias de Cultura e Educação em um projeto político destinado aos jovens do município.

O espaço foi criado em 2003, funcionando como um centro cultural, destinado a brindar os elementos que permitam unir arte, cultura e educação, ao oferecer uma variada gama de atividades artísticas e culturais, cursos, espetáculos, debates, foros, conferências, cinema, oficinas de informática para os alunos da rede de ensino. Com o passo do tempo e as mudanças de governo, sofreu transformações significativas, ultrapassando inclusive crises que ameaçaram sua continuidade. Isto é assim devido o vínculo político partidário que, dependendo do que estabeleça como prioridade, pode potencializar ou limitar suas ações, alterando sua identidade. Ou seja, o custo da política de atuação ameaça a sua continuidade, o que lhe deixa na dependência do poder político local.

Neste sentido, o atual governo, em base a critérios teóricos e pesquisa, considera o CEARC um instrumento que deve ser incrementado. Deste modo, ampliou-se o objeto. Um exemplo disso é que passou a ter como foco a juventude como pode

perceber-se no documento “Programa de aprofundização pedagógico-vocacional da população estudantil do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Para uma melhoria das condições de vida dos jovens de Guaiuba”:

“existe uma temporalidade na qual urge o cuidado com a formação dos sujeitos. E essa temporalidade, que em grego é denominada de *Kairós*, -o momento oportuno-, para a filosofia grega consiste nos primeiros anos da juventude. [...] Por isso, resulta de fundamental importância um acompanhamento das inquietudes destes jovens, já que, se por um lado, o sujeito pode desenvolver plenamente suas habilidades, em caso contrário, pode perder-se no ócio, que pode gerar delinquência ou acarretar outros danos de incidência social e pessoal gerando um círculo vicioso difícil de reverter”. (Documento institucional da Prefeitura Municipal de Guaiuba, 2017).

Assim, para frequentar os cursos do CEARC, não é obrigatório que os alunos estejam escolarizados, embora é certo que a maioria deles provem das escolas públicas e, desta maneira, essa ação contribui a diminuição da evasão. Além disso envolve também aqueles que terminaram os estudos e são desocupados. A maioria dos alunos provem de uma classe social pobre, de pouca ou quase nenhuma contenção. Sem embargo, em contato com a arte, conhecem outros mundos, logram converter a pobreza em riqueza, as carências em um estímulo para seguir. Ali aprendem ofícios de arte e não é raro que viagem a outras cidades, conhecendo lugares e pessoas. Estas atividades aumentam a auto estima dos alunos e suas perspectivas de futuro. Tanto é assim que muitos alunos do centro estão estudando música na universidade. Desta maneira o espaço se converteu em um estímulo para a aprendizagem, os jovens desse lugar desenvolveram ganas de seguir estudando, conhecendo sua própria cultura e, nessa aventura buscam realizar essas inquietudes, se liberam do ócio que leva a delinquência.

Para o CEARC não resulta interessante conduzir os alunos, nem priorizar os conteúdos, mas, proporcionar oportunidades que desenvolvam uma inquietude de si nos jovens. Deste modo oferecem cursos que tendem a diminuir a brecha cultural, combatendo a desigualdade por meio de uma política de democratização da arte e da cultura. A experiência do CEARC ensina que o processo educativo não pode estar dissociado da relação com outras instituições, especialmente aquelas que se dedicam ao ensino da arte como um tema central e não secundário. Não se trata de que os jovens aprendam a praticar uma arte como se fosse somente tocar um instrumento, mas, como

afirma Laques, que a arte se incorpore em sua própria subjetividade e tenda a harmonizar sua própria vida. “O homem de tal classe é um músico que conseguiu a mais bela harmonia, não na lira nem em instrumentos de jogo, mas ao harmonizar na vida real seu próprio viver com suas palavras e fatos” (Platão, 2003: 188 d).

Agora fica a pergunta: Conseguirá o CEARC garantir sua continuidade para gerações futuras em uma época em que o neoliberalismo impera com tanto vigor no sistema político brasileiro?

Terá a possibilidade de responder essa pergunta reflexivamente junto com os jovens em seus espaços públicos. O que é um passo significativo. Afinal, o verdadeiro objetivo de toda educação não é reduzir o estudante a um simples objeto que deve absorver conhecimentos alheios, mas que sempre se deve almejar a que pense por si mesmo e que este pensar o leve a uma ação transformadora da sua realidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidad Líquida*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003.

CASTEL, R. *La inseguridad social, ¿qué es estar protegido?* Buenos Aires: Manantial, 2006.

ESCOUBAS, E. *La Filosofía Alemana del arte: Schelling, Hegel, Nietzsche*. Lima: Universidad Católica, 2004.

FOUCAULT, M. *El coraje de la verdad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

GIDDENS, A. *Consequências da Modernidade*. Madri: Ciências Sociais Alianza, 2001.

GUIMARÃES, A.C. et al. *¿Cómo evitar que Machuca se convierta en Polaquito? Los desafíos de la educación ante la caída del modelo industrial y la necesidad de superación del modelo neoliberal en América Latina*. *Revista Apuntes sobre educación, artes y humanidades*. v. 3, p. 50, 2012.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2007.

PLATÃO. Laques. Madrid: Gredos, 2003.

TEDESCO, J.C. Las Tics en la agenda de política educativa. Las Tics del aula a la agenda política. Buenos Aires: Editorial UNICEF – IPE UNESCO, 2008.

YIN, R. k. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.